



Instituto Agronômico de Pernambuco
Vinculada à Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária

ISSN 2318-7352

Manual de Metodologia de Extensão Rural



Recife, PE
2013

COLEÇÃO EXTENSÃO RURAL 3

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador

Eduardo Henrique Accioly Campos

Vice-governador

João Lyra Neto

SECRETARIA DE AGRICULTURA E REFORMA AGRÁRIA

Secretário

José Aldo dos Santos

INSTITUTO AGRONÔMICO DE PERNAMBUCO

Diretor Presidente

Júlio Zoé de Brito

Diretor de Pesquisa e Desenvolvimento

Antônio Santana dos Santos Filho

Diretor de Extensão Rural

Genil Gomes da Silva

Diretor de Infraestrutura Hídrica

Albérico Messias da Rocha

Superintendente de Administração e Finanças

Élcio Alves de Barros e Silva



Instituto Agrônomo de Pernambuco
Vinculada à Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária

COLEÇÃO EXTENSÃO RURAL 3

Manual de Metodologia de Extensão Rural





Instituto Agrônomo de Pernambuco
Vinculada à Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária

ISSN 2318-7352

Novembro, 2013

COLEÇÃO EXTENSÃO RURAL 3

Manual de Metodologia de Extensão Rural

Giuberto de Lima Ramos
Ana Paula Gomes da Silva
Antônio Alves da Fonseca Barros

Recife, PE
2013

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos:

INSTITUTO AGRONÔMICO DE PERNAMBUCO - IPA
Departamento de Apoio Técnico
Supervisão de Publicação e Documentação
Av. Gen. San Martin, 1371 – Bongi – Caixa Postal 1022
50761-000 – Recife, PE
Fones: (81) 3184-7255 / 3184-7305 – Fax: (81) 3184-7255
Home page: <http://www.ipa.br>
E-mail: biblioteca@ipa.br

Comitê Editorial:

Presidente: Múcio de Barros Wanderley

Membros: Carlos Henrique Madeiros Castelletti, João Emmanoel Fernandes Bezerra, Antonio Raimundo de Sousa, Fernando Antônio Távora Gallindo, Vanildo Alberto Leal Bezerra Cavalcanti, Ana Paula Gomes da Silva, Mariza Brandão Chaves.

Supervisão editorial e normalização bibliográfica: Almira Almeida de S. Galdino

Secretária: Maria do Carmo Ferreira dos Santos

Revisor de texto: Austriclíno Garcia Galindo

Editoração eletrônica: Ângela dos Anjos Vilela

1ª edição

1ª impressão (2013): 1000 exemplares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

Instituto Agronômico de Pernambuco – IPA

R175m Ramos, Giuberto de Lima
Manual de metodologia de extensão rural / Giuberto de Lima
Ramos, Ana Paula Gomes da Silva e Antônio Alves da Fonseca
Barros. – Recife: Instituto Agronômico de Pernambuco - IPA,
2013.
58p. (IPA. Coleção Extensão Rural, 3).

ISSN 2318-7352

1. Extensão Rural - Manual. 2. Agricultura Familiar.
3. Propriedade Rural . 4. Extensão Rural - Métodos. I. Título. II.
Série.

CDD 630.715

© IPA 2013

APRESENTAÇÃO

Este Manual contém os principais e mais importantes métodos de extensão rural, reajustados aos novos tempos e atualizados à luz dos princípios da metodologia participativa, em observância das recomendações da Política Nacional de Extensão Rural - Pnater, no que se refere a conceitos, natureza, caracterização, planejamento e indicativos de utilização.

Com esta edição, o Instituto Agrônômico de Pernambuco - IPA firma o propósito de resgatar a aplicação adequada dessa metodologia, por todas as suas Diretorias, no sentido de que a família rural passe a ser o principal sujeito da ação transformadora, por este Instituto, no processo de construção e reconstrução de novos conhecimentos, valorizando a participação e a autonomia desses atores sociais, considerando-os verdadeiros agentes de mudança do desejado desenvolvimento rural sustentável nas suas diversas dimensões.

Constitui-se, portanto, num instrumento na capacitação dos extensionistas e de consulta diária, enquanto processo didático-pedagógico, com o objetivo de contribuir para um melhor entendimento sobre a maneira correta, oportuna e adequada que cada um desses métodos passe, doravante, a ser tratado por todos, como proposta do aprimoramento da comunicação com as pessoas, em especial com os agricultores e agricultoras familiares e suas formas de organização.

Finalmente, com esta proposta, o IPA busca contribuir para o fortalecimento da agricultura familiar e do serviço de extensão rural pública, no Estado de Pernambuco.

Na revisão e na atualização, também, procurou-se utilizar a bibliografia existente, e em muitos casos, houve a necessidade de se guardar fidelidade ao texto original, sem a pretensão de reinventar a roda.

Genil Gomes da Silva
Diretor de Extensão Rural



SUMÁRIO

Introdução.....	07
Contextualizando o resgate.....	08
Revisando e adequando conceitos.....	13
Selecionando e adequando o uso dos métodos.....	15
Avaliando a metodologia.....	19
Classificando e caracterizando os métodos.....	21
Caracterização dos métodos.....	23
Visita técnica.....	23
Reunião.....	24
Demonstração prática.....	27
Unidade de teste e demonstração (UTD).....	29
Curso.....	33
Oficina.....	35
Mutirão.....	38
Excursão.....	40
Dia de campo (DC).....	43
Dia especial (DE).....	46
Unidade demonstrativa (UD).....	49
Exposição.....	52
Semana especial.....	55
Seminário.....	57
Concurso.....	61
Campanha.....	63
Intercâmbio.....	64
Referências.....	68



INTRODUÇÃO

Ao longo da história da extensão rural pública, desenvolvida pelas sucessivas instituições governamentais, nos diversos momentos das reformas administrativas, observa-se a utilização de ferramentas metodológicas como meio de comunicação com as famílias rurais, conhecidos como métodos de extensão rural, no processo de educação informal, sem, entretanto, preocupar-se com o caráter participativo, baseado nos novos conceitos de participação e da aprendizagem.

É inegável a importante contribuição desses métodos na prática da difusão e na transferência de tecnologia adotados pelo serviço de extensão rural pública da época. Mesmo que tenham sido de caráter diretivo, eles foram utilizados na comunicação de pessoas ou de grupo de pessoas, em diversos níveis de participação, principalmente no da passividade, com eficiência, eficácia e efetividade, haja vista que possibilitaram a mudança de atitude e de comportamento desses agricultores, mediante a adoção de tecnologias de processo e de produtos a que eram induzidos, persuadidos e condicionados pela ação extensionista.

O caráter educativo que era preconizado, naquela oportunidade, pretendia “educar” mediante a simples transmissão de conhecimentos e, também, pela mera difusão de tecnologia gerada pela pesquisa e de implementação de programas e projetos especiais, graças ao autoritário modelo da teoria da informação instrutor-treinando, tendo como pressuposto a obtenção de respostas e comportamentos desejados às ações estimuladoras do agente de extensão rural. O “pequeno agricultor e a pequena agricultora” eram, tão somente, meros objetos da ação extensionista.

É evidente que, ao longo da travessia da extensão rural, nas várias estratégias de implementação dos diversos modelos de desenvolvimento econômico que se tentou implementar no país, somente a transferência de tecnologia não foi suficiente para provocar as mudanças desejadas no processo de desenvolvimento rural.

Diante desse fato, a Diretoria de Extensão Rural do IPA decidiu-se por resgatar o Manual de Metodologia utilizado pelos extensionistas, ao longo da história da Ater pernambucana, revisando-o e adaptando-o à nova necessidade da correta aplicação dos métodos de extensão rural na comunicação com os agricultores e agricultoras familiares, com a perspectiva de possibilitar tomadas de decisões próprias, enquanto protagonistas do processo de desenvolvimento sustentado e da construção e reconstrução da cidadania.

CONTEXTUALIZANDO O RESGATE

A extensão rural contemporânea tem como desafio desenvolver um processo metodológico participativo que seja capaz de atender os desafios do desenvolvimento rural sustentável, nas suas diversas dimensões, norteadas pela Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural - Pnater.

Segundo esta Política, “o desenvolvimento sustentável almejado pelo país supõe o estabelecimento de estilos de agricultura, extrativismo e pesca igualmente sustentáveis, que não podem ser alcançadas unicamente por meio da transferência de tecnologias.” Fica evidente que a prática do difusionismo não tem mais lugar na atual contemporaneidade, devendo ceder oportunidade para o novo paradigma metodológico com foco na construção e reconstrução do conhecimento. Esta, todavia, somente será alcançada por meio do processo da participação dos/das beneficiários/as da Pnater e de suas várias formas organizativas, no qual estes atores passam das condições de objetos para a condição de “sujeitos da ação” (FREIRE, 1979).

É indispensável registrar a missão do serviço público de Ater, estabelecido na Pnater: “Participar na promoção e animação de processos capazes de contribuir para a construção e execução de estratégias de desenvolvimento rural sustentável, centrado na expansão e fortalecimento da agricultura familiar e das suas organizações, por meio de metodologias educativas e participativas, integradas às dinâmicas locais, buscando viabilizar as condições para o exercício da cidadania e a melhoria da qualidade de vida da sociedade. Neste contexto, enquanto missionário desse serviço público de Ater, o/a

extensionista sai do cômodo papel de “agente de Ater” para o de animador e facilitador do processo de desenvolvimento rural sustentável, como verdadeiro educador”.

De acordo com Ruas (2006), um dos desafios atuais da extensão rural contemporânea é a elaboração de uma releitura da realidade e dos processos metodológicos, reformulando a prática extensionista com metodologia de planejamento participativo e gestão social, potencializadoras da construção coletiva de políticas públicas para o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vidas dos agricultores e agricultoras familiares.

Um dos princípios da política de Ater é “desenvolver processos educativos permanentes e continuados, a partir de um enfoque dialético, humanista e construtivista, visando à formação de competência, mudanças de atitudes e procedimentos dos atores sociais, que potencializem os objetivos de melhoria da qualidade de vida e de promoção do desenvolvimento rural sustentável”.

Além deste princípio, a mesma Pnater traz, no seu bojo, a orientação estratégica para as ações dos serviços de assistência técnica e extensão rural pública que é: “promover abordagens metodológicas que sejam participativas e utilizem técnicas vivenciais, estabelecendo estreita relação entre teoria e prática, propiciando a construção coletiva de saberes, o intercâmbio de conhecimentos e o protagonismo dos atores na tomadas de decisões”.

Como se pode observar na releitura do processo metodológico nas duas décadas passadas, “participação” é palavra-chave no novo enfoque que deve ser dado aos métodos e técnicas de extensão rural. O enfoque, baseado na participação, parte do pressuposto de que, quando

os atores sociais ou a população rural se organizam em favor de suas perspectivas, muitas mudanças podem ser alcançadas. Entretanto, é necessário lembrar os diferentes níveis de participação que se tem observado em processos participativos, segundo Cotrim e Ramos citado por Verdejo (2006).

Níveis de participação ocorridos nos mais diversos processos democráticos:

- **Passividade** – o projeto fixa os objetivos e decide sobre as atividades. A informação necessária é gerada sem se consultar os beneficiários.
- **Fonte de informação** – a equipe de pesquisa pergunta ao beneficiário, porém não o deixa decidir, nem sobre o tipo de perguntas, nem sobre as atividades posteriores.
- **Consulta** – leva-se em consideração a opinião do beneficiário; integram-se as opiniões no enfoque da pesquisa, mas o grupo-meta não tem poder de decisão.
- **Participação à base de incentivos materiais** – propõe-se, por exemplo, a participação em troca de insumos de produção ou de colocar à disposição terras com fins de exibição (“unidade demonstrativa”), mas a possibilidade de intervir nas decisões é muito limitada.
- **Participação funcional** – o beneficiário se divide em grupos que perseguem objetivos fixados anteriormente pelo projeto. Na fase de execução, participa da tomada de decisões e se torna independente do transcurso do projeto.
- **Participação interativa** – o beneficiário é incluído do ponto de vista da fase de análise e definição do projeto. Participa

plenamente do planejamento e execução.

- **Autoajuda** – a comunidade toma a iniciativa e age independentemente.

Importante, também, é recordar um dos equívocos frequentemente encontrados na educação formal, que é a equiparação dos aprendizes como se não houvesse diferenças sensíveis entre eles. Assim, não se pode equiparar à educação de crianças e adolescentes (Pedagogia) e de adultos (Andragogia).

De acordo com Silva Filho (2010), a Andragogia tem outras premissas e orientações que não podem ser ignoradas ao se pretender fazer educação ou ensino de adultos. Em situações de aprendizagem, os adultos diferenciam-se de crianças e adolescentes, principalmente em relação ao autoconceito, experiência, prontidão, perspectiva temporal e orientação de aprendizagem.

No modelo andragógico são considerados os seguintes fatores como influenciadores no sucesso da aprendizagem de adultos:

- Devem querer aprender.
- Aprendem muito o que eles necessitam aprender.
- Aprendem fazendo.
- Aprendem focados na realidade.
- A experiência afeta a aprendizagem.
- Aprendem melhor em ambiente informal.
- Variedade de métodos ajuda a aprendizagem.

Vale ressaltar o cuidado que se deverá ter na forma de se comunicar, por meio do uso adequado deste determinado método. “O extensionista é um educador e este processo de educação se dá de maneira informal, onde todos os métodos de extensão são as ferramentas para a comunicação entre as pessoas. A comunicação há de ser “conscientizadora, participativa e dialógica, e é dentro deste

contexto que se desenvolve o processo educativo” (FREIRE, 1991).

Segundo França (1993), os métodos de extensão rural, também, podem ser referidos como métodos de comunicação e, na extensão rural, muitas vezes são confundidos com meios de comunicação. Embora ele considera métodos e meios como coisa distinta é importante que haja melhor conhecimento sobre cada um deles para a condução dos trabalhos de extensão rural. O autor acima chama a atenção para que seja sempre lembrado que os métodos e os meios, embora interdependente, devem ser sempre combinados, entre si, de acordo com cada caso.

O processo dialético busca a valorização pela busca da construção coletiva do conhecimento comprometido com a transformação da realidade, apontando os caminhos do conhecimento por meio dos princípios da democratização e da dialogicidade. Os procedimentos privilegiam o fazer coletivo e a capacidade de organização grupal, a problematização e a teorização a partir da prática e da realidade vivida, a reflexão crítica, possibilitando a todos posicionarem-se como sujeito do conhecimento e transformador da realidade (BRASIL, 2010).

Portanto, o discurso não deverá ser indutivo, coercitivo ou persuasivo, haja vista que o nível de aprendizagem é diferente às pessoas. Essa diferença permite que algumas pessoas aceitem novas ideias e novos conhecimentos mais rapidamente do que outras. Isto dependerá da forma como é recebida e dos sucessivos estímulos que serão oferecidos na estratégia metodológica, considerando as fases de aprendizagem: atenção, interesse, avaliação, experiência e adoção.

A Extensão Rural sempre teve a capacidade de vencer desafios; soube renovar-se tantas vezes que foram necessárias, deve continuar

renovando e atualizando a metodologia para maior alcance do modelo de desenvolvimento rural sustentável que se deseja. Entretanto, para que a renovação seja reflexo da vitalidade metodológica, é necessário, porém, evitar improvisação, precipitação ou mesmo temeridade. Esta renovação não deve trazer confusão para os agentes de Ater ou para a Instituição, a fim de não comportar desvios e ruptura dos objetivos da Pnater.

A participação que o IPA deve desejar e preconizar deverá ser um misto de interatividade e tomada de decisão pela comunidade, em todas as fases de uso de um determinado método ou prática de Ater, a fim de que se possa materializar a família rural como “sujeito da ação”. Todavia, é importante e imperativo que haja a decisão política institucional e a vontade de exercitá-la e o compromisso de todos.

REVISANDO E ADEQUANDO CONCEITOS

Não se pretendem discutir, aqui, conceitos. Mas, estabelecê-los para uso neste manual, atualizando-os e renovando-os, à luz de muitos já estudados e utilizados por vários autores:

- **Pedagogia** – ciência que é utilizada para a melhoria no processo de aprendizagem dos indivíduos, através da reflexão, sistematização e produção de conhecimentos.
- **Andragogia** – ciência utilizada na educação formal de adultos por meio de uma relação horizontal, paritária, entre facilitador e alunos/as, utilizando a motivação e a experiência anterior de cada um, oferecida, analisada, discutida e somada à sua própria, no processo de aprendizagem.

- **Metodologia** – entendido como o estudo, classificação e sistematização dos métodos de ensino.
“Conjunto de procedimentos, regras e técnicas, em que se baseia determinada disciplina”.
- **Metodologia participativa** – entendida como estudo, classificação e sistematização de métodos construtivistas do conhecimento, fundamentada no diálogo, na troca de saberes, no planejamento e na gestão social.
- **Metodologia participativa em extensão rural** – Compreendida como adaptação de métodos de ensino no processo educativo de assistência técnica e extensão rural, respaldada nos princípios da participação, dialogicidade, respeito aos saberes pré-existentes, exercício da cidadania e inclusão social.
- **Método** – Concebido como a forma adequada pela qual o ensino é realizado no processo da efetiva aprendizagem:
 1. Procedimento padronizado que se adota no estudo, na investigação, etc., visando à obtenção de um certo resultado.
 2. Modo particular de proceder.
 3. Processo ou técnica de ensino.
 4. Regularidade da ação.
 5. Tratado elementar (XIMENES, 2000).

Em extensão rural não se devem confundir métodos com os meios de comunicação utilizados na ação extensionista, quer seja ele extensionista e/ou pesquisador, como carta-circular, cartaz, folder, rádio, álbum-seriado, entre outros, embora exista quem defenda que nas últimas décadas, outros métodos de

extensão tenham sido desenvolvidos, a exemplo dos métodos empregados na promoção do desenvolvimento rural local sustentável. Outros preferem enquadrá-los como estratégias de desenvolvimento.

Alguns estudiosos do assunto também se referem ao método como técnica de ensino. Aqui, doravante, ele será considerado método.

- **Método participativo** - é a forma adequada pela qual o ensino é realizado, com a participação dos atores sociais, em todo o processo da efetiva aprendizagem.
- **Método participativo de extensão rural** – são procedimentos e técnicas de comunicação, já estudados, classificados e sistematizados pela extensão rural, os quais são utilizados na práxis extensionista, no processo de construção e reconstrução do conhecimento, buscando alcançar as mudanças de comportamento e de atitude dos agricultores e agricultoras familiares, após o processo da efetiva aprendizagem.

SELECIONANDO E ADEQUANDO O USO DOS MÉTODOS

A sensibilidade e a visão de educador, do extensionista e do pesquisador, deverão nortear a sua habilidade para fazer uso de um bom e adequado método. A partir desta habilidade, a estratégia metodológica deverá reproduzir as ações que deverão ser desenvolvidas para solução dos problemas detectados e materializados no Plano de Ação Municipal (PAM) e nas pesquisas realizadas para se obterem os resultados esperados.

Na definição desta estratégia, a ação extensionista deverá demonstrar todo o seu conhecimento sobre os métodos participativos de extensão rural, sua habilidade de selecioná-los e combinar o uso e apoio dos mesmos, haja vista que vários métodos poderão ser selecionados e utilizados conjuntamente. Como por exemplo, durante a realização de um curso, pode-se realizar uma excursão, com os mesmos participantes.

Na definição da estratégia, deve ser indicada qual a prática tecnológica a ser utilizada para a solução do problema detectado e qual será o método mais adequado que possa despertar a atenção, interesse, avaliação, experiência e adoção (escala de aprendizagem), permitindo, assim, o entrosamento dos participantes. Após esta escolha, deve ser iniciado o processo de planejamento participativo (plano do método) para a execução do método.

“O emprego da escala de aprendizagem é a forma mais completa para o estabelecimento da estratégia metodológica, para alcançar o resultado esperado compromissado com a comunidade rural” (FREIRE, 1996). Fica evidente que o método ou os métodos a serem adotados na ação extensionista devem ser de acordo com o estágio dos agricultores familiares na escala de aprendizagem. A improvisação do método acarretará prejuízo para a comunidade rural e, conseqüentemente, o seu descrédito.

Deparando-se com um determinado problema existente na unidade familiar rural, duas perguntas básicas devem ser consideradas para a solução:

- a) Como selecionar os métodos apropriados?
- b) Como combinar estes métodos?

Para compreensão do texto anterior e para efeito didático-

pedagógico, tenta-se responder as duas perguntas com este exemplo:

- a) Suponha-se que, na análise do diagnóstico participativo para conhecimento da realidade e definição do Plano de Ação Municipal-PAM, ficou constatado que a produtividade da cultura da mandioca é baixa e o seu manejo cultural é um dos fatores que mais contribuem para isso, uma vez que a cultivar utilizada é a recomendada.

Situação Atual	Situação Desejada
Manejo cultural inadequado	Sistema de plantio

É importante que se tenha sempre em mente que o objetivo é aumentar a produtividade da cultura da mandioca, na comunidade, e não só a de um agricultor.

Definição da estratégia metodológica:

- Qual é a prática tecnológica que melhor contribuirá para início do trabalho extensionista, com o objetivo de promover as mudanças desejadas no manejo cultural inadequado?

Recomenda-se a prática de plantio em fileiras duplas

- Uma vez definida a prática, esta deve ser apresentada e explicada para todos os agricultores da comunidade o que é, como deve ser executada e quais suas vantagens, numa ampla discussão.
- Qual é o método de extensão que melhor se aplicaria, neste momento, para sensibilizar e motivar para a reconstrução do conhecimento e que seja capaz de contribuir com o aprendizado dos possíveis adotantes desta prática?

Recomenda-se que seja o de Unidade de Teste e Demonstração (UTD)

- Uma vez selecionado o método, este deve ser discutido e explicado para todos os agricultores da comunidade, quanto à definição, objeto e utilização do método.
- Uma vez instalada a UTD sobre o plantio em fileiras duplas, ela possibilitará um sistema com utilização de vários outros métodos ao longo de seu período de execução, tais como: cursos, reunião, demonstração prática, excursão, entre outros, que irão influir sobre o processo de reaprendizado, como a atenção, o interesse, o conhecimento, a avaliação, a experiência e adoção pelos agricultores da comunidade.

Observação:

1. Caso o/a extensionista e o pesquisador/a tenham mais de uma UTD sobre outra prática qualquer, em outras comunidades, facilmente se pode observar que seu trabalho de extensão rural estará plenamente calcado em sua principal ferramenta de trabalho – metodologia de extensão rural.
2. Vale aqui também observar que, antes de ser instalada a UTD de plantio em fileiras duplas, o/a extensionista e o/a pesquisador/a teve que executar uma série de outros métodos, no sentido de preparar para ação, tais como: visita, reunião, ou seja, métodos simples no preparo para um método complexo.

Na escolha da metodologia, um instrumento auxiliar é a escala de aprendizagem, porém, nem sempre como único recurso.

É importante estabelecer o estágio da escala de aprendizagem em que se encontra a maioria ou a média de determinada categoria de público, em relação a um certo aspecto problemático a ser trabalhado. No entanto, para adotar este procedimento, o/a facilitador/a deve

conhecer e dominar, na teoria e na prática, a metodologia de extensão rural. A improvisação, neste caso, resultará fatalmente em prejuízo para a extensão rural e, o que é grave, para o público e comunidade rural.

O emprego da escala de aprendizagem é a forma mais completa para o estabelecimento de toda uma estratégia metodológica para alcançar o resultado esperado, compromissado com a comunidade rural. Não atende somente a estratégia, mas permite estabelecer a utilização tática dos métodos de extensão, e ainda, planeja todo o apoio logístico, através dos meios de comunicação, auxílios audiovisuais, recursos disponíveis na comunidade e unidades familiares e as parcerias e apoios institucionais.

Para alcançar o domínio do emprego deste processo, basta conhecer a metodologia de extensão rural muito bem, saber utilizar os meios de comunicação e os auxílios audiovisuais. Desenvolver um razoável espírito de observação e de conhecimento em relação ao meio ambiente onde se acham as comunidades rurais e ao público com o qual trabalha, no sentido de que seja preservado o agroecossistema. A iniciativa, inovação e criatividade o complementarão.

Qualquer método, para ser utilizado, requer um planejamento, materializado num plano do método. Para efeito didático, o anexo deste manual recomenda, como exemplo, os procedimentos e cuidados que se devem ter na elaboração do referido plano.

AVALIANDO A METODOLOGIA

A extensão rural é desenvolvida com a utilização de métodos próprios, sua apreciação é fundamentada na avaliação da execução de cada método aplicado, no resultado obtido e na estratégia metodológica

utilizada.

O processo de avaliação é considerado em três fases distintas, contudo, complementares, conforme as seguintes relações:

1. Em relação à execução do método – o método deve ser avaliado como ferramenta de trabalho da prática extensionista, buscando sempre melhorar o seu desempenho e utilização, através da autocrítica, o mais imediato possível após a sua execução.

2. Em relação ao conteúdo – tem como finalidade avaliar se os objetivos estabelecidos para o método foram atingidos. Estes resultados podem ser observados a curto e médio prazo:

- **Curto prazo** – logo após a execução do método, podem ser avaliados e analisados o grau de interesse e de participação do público, o entendimento e o aprendizado ou reaprendizado do assunto.
- **Médio prazo** – transcorrido um determinado tempo da execução do método, pode ser avaliado e analisado o comportamento do público, quanto à procura de mais informações, as iniciativas tomadas e as experiências realizadas, a adoção de práticas, a necessidade de capacitação, entre outros.

3. Quanto à estratégia metodológica – esta avaliação visa a analisar o método executado dentro de um contexto de combinação de métodos, do qual é parte ativa. É a estratégia para alcançar o objetivo maior, estabelecido com a participação das comunidades no planejamento. Isto faz parte do princípio de que nenhum método é planejado para ser executado isoladamente. Constantemente, a estratégia metodológica deve ser revista e avaliada, considerando a sua

frequência já utilizada, introduzindo-se as modificações nas combinações e seleções de métodos, visando ao processo de educação na escala de aprendizagem.

CLASSIFICANDO E CARACTERIZANDO OS MÉTODOS

Por se tratar de um manual de metodologia participativa, os métodos aqui são classificados quanto ao alcance e quanto à estrutura. Entretanto, conforme França (1993), nessa classificação referida é considerada o caráter didático, tendo em vista que existem várias outras formas de classificá-los. E, como processo pedagógico à aprendizagem toma de empréstimo certo disciplinamento e ordem para o assunto, e ao mesmo tempo, um melhor entendimento de cada um deles, embora na prática, eles sejam sempre utilizados em forma combinada.

Classificação dos métodos de extensão rural quanto ao alcance e à estrutura

1. De alcance grupal – que tem um número de participantes definido.

- Unidade de teste e demonstração (UTD).
- Curso.
- Capacitação participativa (CP).
- Oficina.
- Mutirão (MU).
- Excursão.
- Dia de campo (DC).
- Dia especial (DE).
- Demonstração prática (DP).
- Intercâmbio.

2. De alcance indefinido – do qual não é possível definir o número de participantes.

- Unidade demonstrativa (UD).
- Exposição.
- Semana especial (SE).
- Seminário.
- Concurso.
- Campanha.

Quanto à estrutura:

1. Simples – que são utilizados isoladamente.

- Visita técnica.
- Reunião.
- Demonstração prática (DP).

2. Complexos – que exigem a utilização de outros para a execução.

- Unidade de teste e demonstração (UTD).
- Curso.
- Capacitação participativa (CP).
- Oficina.
- Mutirão (MU).
- Excursão.
- Dia de campo (DC).
- Dia especial (DE).
- Unidade demonstrativa (UD).
- Exposição.
- Semana especial (SE).
- Seminário.
- Concurso.
- Campanha.
- Intercâmbio.

CARACTERIZAÇÃO DOS MÉTODOS

VISITA TÉCNICA

O que é

É um método simples, de alcance individual, que serve para a troca de informações para execução do programa de extensão rural.

Para que serve

É utilizado quando se necessita trocar conhecimentos e informações, sensibilizar, motivar, planejar, acompanhar e avaliar as ações desenvolvidas com os beneficiários da Pnater.

Quando utilizar

Sempre quando o extensionista for programar qualquer atividade, principalmente de alcance individual ou indeterminado na comunidade, este método deverá ser utilizado para melhor conhecimento da família a ser atendida ou da ação a ser desenvolvida.

Recomenda-se que a aplicação do método seja de acordo com a necessidade da obtenção da informação.

Procedimentos para realização

Devem ser consideradas as fases de planejamento e de execução.

No planejamento, deve ser determinada a época, a duração, o conteúdo, os materiais, e até mesmo os equipamentos, se for o caso, para a boa execução do método.

Durante a execução, devem ser tomados os seguintes cuidados:

- Não deve ser alterada a rotina da unidade familiar.
- Respeitar os valores, hábitos e costumes individuais.
- Não esquecer o objetivo da visita.

- Não pressionar decisões imediatas e,
- Sempre motivar a participação da unidade familiar nos trabalhos grupais e comunitários.

a) Vantagens

- Estabelecer clima de confiança mútua.
- Facilitar a preparação e a execução de outros métodos e,
- Proporcionar conhecimentos indispensáveis das atividades, dos problemas da unidade familiar e do modo de vida, por estar no seu ambiente.

b) Limitações

- Custo elevado.
- Baixo alcance e,
- Tendência a se concentrar em pessoas de mais afinidade e amizade.

REUNIÃO

O que é

É um método simples, de alcance grupal, planejado, realizado junto a um público que possui interesses e objetivos comuns e que desejam solucionar os problemas por meio da troca de idéias, conhecimentos, informações.

Para que serve

Contribuir para o encaminhamento das soluções, tomar decisões e assumir compromissos referentes aos problemas comuns do grupo, enfocando os seguintes objetivos:

- Motivar a comunidade na gestão do seu próprio desenvolvimento.

- Desenvolver o espírito associativista e estimular a cooperação mútua.
- Exercitar a habilidade de pensar e falar em público.
- Avaliar os trabalhos e os métodos realizados.
- Sensibilizar, conscientizar e mobilizar sobre problemas.
- Fortalecer as formas organizacionais existentes.
- Planejar participativamente e,
- Despertar o interesse do público para os aspectos específico ou geral.

Quando utilizar

Como método de Ater e, dentro de uma estratégia, a reunião nunca é realizada isoladamente, mas fazendo parte de uma combinação de outros métodos e meios de comunicação.

Na ação extensionista, o método reunião também ocorre em situações com objetivos mais amplos, como: estudo de realidade, planejamento participativo, apresentação dos planos de trabalho para autoridades e lideranças (reunião de sede) e para avaliação participativa.

Poderão ocorrer ocasiões em que é aconselhável recorrer a técnicas de condução de grupos, mais específicas, com estrutura de desenvolvimento bem definido, tais como:

Estrutura - palestra, mesa redonda, seminário, entre outros.

Técnicas de condução - tempestade de ideias, análise de problemas, diagnóstico participativo, diagrama de venn, entre outras.

Procedimentos para utilização

Em função do tipo de reunião a realizar e dos objetivos a serem atingidos, deve ser selecionado o público que participará. O extensionista, na maioria das vezes, é coordenador ou facilitador da reunião.

Como método planejado, é de responsabilidade do extensionista e do público interessado:

- Definir o objetivo da reunião, selecionar o público e verificar se o assunto é do seu interesse.
- Estabelecer a programação da reunião.
- Selecionar o tipo de reunião que mais se adapta ao alcance dos objetivos.
- Estabelecer data, local e horário, levando em consideração os seguintes itens: facilidade de acesso ao local, horários acessíveis, facilidade de uso de automóveis, espaço físico, mesa e cadeiras, adequação do assunto à época, alimentação e verificação dos materiais didáticos necessários.

Após esta fase de planejamento, é hora de cuidar da organização da reunião, quando devem ser observados os seguintes aspectos:

- Elaborar e distribuir os convites aos participantes.
- Preparar o material didático que será utilizado.
- Tomar as providências necessárias com relação ao local da reunião, como: arrumação da mesa e das cadeiras, disponibilidade de água, entre outros e,
- Providenciar e testar o uso dos equipamentos para o apoio visual.

a) Vantagens

- Permite atingir grande número de pessoas.
- Estabelece confiança no extensionista.
- Promove o comprometimento de todos, no encaminhamento das soluções.
- Conscientiza problemas comuns e uniformiza conhecimento.
- Favorece pressões grupais e manifestação de lideranças.
- Permite desenvolver técnicas de organização.

- Método econômico em relação ao alcance e ao efeito multiplicador.
- É um método que se combina facilmente com outros.

b) Limitações

- Exige planejamento cuidadoso.
- Requer habilidade por parte do extensionista.
- Exige o máximo envolvimento dos participantes.
- Ocupa muito tempo do público.
- Permite determinar, apenas, o alcance dos presentes e,
- Nem todos têm oportunidade de se manifestar.

DEMONSTRAÇÃO PRÁTICA

O que é

É um método planejado, de alcance individual ou grupal, utilizado para a construção ou a reconstrução do conhecimento, combinando os principais fundamentos: ver, ouvir, entender e fazer.

Para que serve

Contribuir para o aprendizado ou o reaprendizado da família rural, na busca de soluções para os problemas da unidade familiar.

Quanto utilizar

Este método exige que o extensionista conheça bem e domine a prática daquilo que ele vai demonstrar.

A demonstração realizada por uma pessoa da comunidade, que já tenha adotado a prática, é sempre conveniente e, para isto, o treinamento prévio dessa pessoa é necessário.

Tempo estimado

Este método não deve tomar muito tempo, haja vista que se trata

de uma demonstração prática. Recomenda-se que dure no máximo uma hora.

Procedimentos para a utilização

É importante que sejam considerados os seguintes aspectos:

- Quanto ao local – acesso fácil, confortável e do conhecimento de todos.
- Quanto ao equipamento – deve estar previamente no local, testado e avaliado e,
- Quanto ao/a colaborador/a onde será realizada a demonstração prática – este deverá estar qualificado, treinado e informado sobre a prática e objetivo.

Devem ser consideradas as seguintes etapas para a sua realização:

a. Abertura e objetivo - fazer a apresentação e informar o objetivo, ressaltar a necessidade e a importância da prática, entre outros.

b. Material e equipamento – descrever sobre o material e equipamento que vão ser utilizados.

c. Demonstração propriamente dita – deve ser clara, objetiva, participativa e seguir uma ordem lógica previamente estabelecida num roteiro.

d. Repetição – nesta etapa, se possível, todos os participantes repetem a prática demonstrada, exercitando o célebre dito: “aprender a fazer, fazendo e entendendo”.

Em ambos os casos, o/a condutor/a da demonstração prática deverá procurar facilitar o aprendizado a troca de saberes, esclarecendo e

orientando mais detalhadamente, verificando se houve compreensão do que foi exposto.

a) Vantagens

- Estimula a ação grupal.
- Otimiza o tempo do responsável pela implementação da prática.
- Permite o exercício da prática “aprender a fazer, fazendo e entendendo”.
- Estimula os sentidos da visão, audição e tato.

b) Limitações

- Exige conhecimento e habilidade do demonstrador.

UNIDADE DE TESTE E DEMONSTRAÇÃO (UTD)

O que é

É um método grupal e complexo onde os/as extensionistas, pesquisadores/as e os participantes vão construir ou reconstruir os conhecimentos que, de forma prática fundamentam uma tecnologia de processo, de produção, um produto ou um equipamento, por meio de testes e de demonstração, sobre outros tradicionalmente usados por eles.

Para que serve

Para experimentação e demonstração de tecnologias ou prática, bem como para aprimoramento e troca de saberes dos beneficiários da Pnater, com interesses comuns, cuja finalidade específica é conhecer, comparar e avaliar os resultados econômicos, sociais e ambientais obtidos, tendo como parâmetro as vantagens sobre os conhecimentos

utilizados pelos agricultores e agricultoras participantes, permitindo que eles tomem a decisão que acharem mais conveniente e importante.

Quando utilizar

Sempre que houver necessidade de experimentar e demonstrar novos conhecimentos que atendam o interesse e a necessidade dos beneficiários da Pnater, para solução de problemas comuns.

Tempo estimado

A duração do método dependerá do que se deseja testar ou demonstrar. No caso de uma tecnologia de manejo de cultura ou de animal, ela durará o tempo do ciclo desse manejo.

Procedimentos para realização

a) Preparação

- A necessidade e interesse dos participantes devem ser conhecidos pelos responsáveis pela implantação da UTD.
- O responsável pela implementação do método deve negociar com o grupo interessado no teste e demonstração da tecnologia ou prática, tendo em foco os cuidados da conservação e preservação ambiental, o aumento da renda ou redução dos custos e a inclusão social das suas famílias.
- Instalar a UTD na propriedade de um dos beneficiários da Pnater, participante interessado na atividade. Também poderá ser instalada num espaço comunitário. Em qualquer um deles, a indicação será dos interessados, porém, o responsável pela implantação do método deverá avaliar a época, as condições de solo, água, vento e acesso do local indicado.
- O plano da unidade deve ser, no primeiro momento, elaborado

com os agricultores e agricultoras participantes e o extensionista, definindo o objetivo e todas as fases da UTD, bem como as responsabilidades de todos e a forma de convivência entre os envolvidos.

- Por ocasião do planejamento da UTD, deve-se ter o cuidado de verificar a necessidade de utilização de demonstração de um método simples, complexo ou combinado, dependendo da atividade.
- Recomenda-se que UTD seja instalada no local que ofereça boa visibilidade, tanto para o grupo, como para a comunidade e os visitantes.
- Na elaboração do plano da UTD devem ser consideradas, ainda, as potencialidades locais, o agroecossistema, os valores sociais, culturais, políticos, a capacidade econômica, entre outros.
- Deve ser uma tecnologia ou uma prática cujos insumos e serviços necessários à sua instalação e condução devem ser de fácil acesso e sejam compatíveis com a maioria dos participantes.

b) Execução

- Considerar que, ao aplicar o método, são exercitadas as fases do processo de aprendizagem:
 - i) formulação de conceitos e tomadas de consciência;
 - ii) predisposição de participar dos interesses e,
 - iii) desenvolvimento de habilidades.
- Durante todas as fases dessa atividade, o/a responsável pela implantação da UTD deverá assumir o papel de facilitador/a da

troca de saberes, na qual a construção ou a reconstrução do conhecimento funcionem como um ensaio, por se estar testando e demonstrando um conhecimento novo para os participantes, na busca de um novo saber.

- Elaborar, com os participantes, a contabilidade das despesas da atividade para permitir a análise dos custos e ganhos e outros resultados da atividade testada e demonstrada.
- Quem deve conduzir a UTD são os participantes, sendo o extensionista, pesquisador ou facilitador, o animador do processo de socialização das informações e conhecimentos, análise dos resultados e das possíveis oportunidades de aplicação.
- Deve ser garantida a divisão de responsabilidades dos participantes, a fim de que seja estabelecida a gestão conjunta.

c) Vantagens

- Facilita a capacidade de tomada de decisão de cada um dos participantes de adotar, ou não, de forma parcial ou total, o novo conhecimento adquirido, conforme suas próprias condições.
- Permite a apropriação da condução do método, pelos participantes, tendo em vista que a construção do plano da unidade foi responsabilidade do grupo.
- Possibilita o fortalecimento da construção associativa e da gestão compartilhada na condução da UTD.
- Valoriza o saber, os insumos locais e os valores dos beneficiários da Pnater, agricultores e agricultoras participantes, devido à comparação dos resultados à luz da realidade.
- Facilita o desenvolvimento de destrezas e habilidades de determinadas práticas vivenciadas na condução da unidade.

d) Limitações

- Poderá demandar muito tempo.
- Requer recursos adicionais.
- Poderá depender de condições climáticas.
- Alcance de público limitado.
- A diferença de idades dos participantes poderá influenciar na velocidade da aprendizagem.
- Resistência à aprendizagem de coisas novas, meramente porque alguém disse ao participante que ele deve aprender.

CURSO

O que é

Método que produz conhecimentos de natureza teórica e prática, com programação específica, abrangendo outros métodos e recursos didático-pedagógicos, visando a um grupo de pessoas com interesses comuns.

Para que serve

Para alcançar um determinado grau de aprendizagem e nivelar o entendimento do grupo para que se possa desenvolver, através de uma combinação de métodos, uma estratégia de ação extensionista na comunidade.

Quando utilizar

Quando se deseja, em curto período de tempo, construir e reconstruir conhecimentos e saberes com um grupo homogêneo, sobre uma série de informações teóricas e práticas em um determinado assunto. Pode ser combinado com outros métodos como excursão, reunião, entre outros.

Tempo estimado

Variável, conforme o assunto a ser tratado.

Procedimentos para realização

a) Preparação

- Após a decisão de realizar o evento, definir com as pessoas interessadas, numa reunião específica, o plano do curso, considerando os objetivos, a agenda, o tema e o período.
- Definir, com o grupo, o horário e o local do curso, deslocamento, pernoites, refeições, considerando-se a disponibilidade dos participantes.
- Definir materiais e recursos didáticos necessários, de acordo com a infraestrutura e o espaço físico do local definido.
- Definir, se for o caso, facilitador/a com conhecimento do tema selecionado, submetendo a proposta do conteúdo programático.
- Selecionar a proposta de dinâmicas de grupo a serem aplicadas durante o curso.
- Estabelecer parcerias, se for o caso.

b) Execução

- As aulas devem ser conduzidas com naturalidade, simplicidade, respeito às diferenças socioculturais.
- Durante o curso, provocar discussões, trabalho de grupo e debates que possam contribuir com a aprendizagem.
- Manter o grupo sempre motivado e participativo por meio das dinâmicas de grupo e da didática adequada.
- Avaliar o grau de desenvolvimento e aprendizagem do grupo.

- No final, realizar avaliação do curso, do local e do/a facilitador/a.

c) Encerramento

Sendo possível, programar o encerramento de forma festiva e promocional, ocasião em que são emitidos os certificados aos participantes.

d) Vantagens

- Otimiza o tempo do facilitador.
- Facilita a aprendizagem pela troca de saberes e experiências.
- Nivelar os conhecimentos, facilitando a ação extensionista.
- Possibilita a construção do conhecimento de maior número de pessoas em menor tempo.
- Possibilita visão mais ampla sobre o assunto pela utilização de vários métodos e auxílios audiovisuais.
- Possibilita a interação do grupo, por meio das dinâmicas utilizadas.

e) Limitações

- Desnível de conhecimentos dos participantes.
- Deslocamento do grupo do seu local de convívio e das suas atividades.
- Dificuldade relativa à programação de época e horário.
- Alcance de público limitado.

OFICINA

O que é

É um método complexo e grupal que permite a um grupo de pessoas que se propõe a resolver questões de interesse comum, discutir e tratar de problemas e potencialidades, havendo troca de saberes, e

experiências vivenciadas, propostas alternativas de soluções inerentes à realidade e devidos encaminhamentos.

Para que serve

Para aprofundar os conceitos básicos e questões que se referem a programas e projetos em desenvolvimento ou que se encontram em processo de planejamento, depois do consenso de ideias e opiniões necessárias ao encaminhamento das ações tomadas pelo grupo.

Quando utilizar

Quando houver necessidade para discussão e hierarquização de problemas diagnosticados pelo grupo, identificação de potencialidades e soluções possíveis para esses problemas, por meio de consenso, para encaminhamentos de curto e médio prazo, análise de experiências de campo, utilização dos resultados como base para a elaboração do planejamento.

Tempo estimado

Recomenda-se um período de 1 a 3 dias.

Procedimentos para realização

a) Preparação

- Realizar uma reunião específica para definir, com as pessoas interessadas, o plano da oficina, considerando os objetivos, a agenda, o problema, o período e as experiências, se for o caso.
- Definir, com o grupo, o horário e o local da oficina, pernoites, refeições, considerando-se a disponibilidades dos participantes.
- Garantir a representatividade de gênero, geração e níveis de diferentes experiências entre os participantes.

- Definir materiais e recursos didáticos necessários, de acordo com a infraestrutura e o espaço físico do local definido.

b) Execução

- Os participantes devem ser esclarecidos sobre o objetivo da oficina e a metodologia a ser utilizada.
- Estabelecer, com o grupo, os resultados esperados e acordar a convivência.
- Definir uma equipe de colaboradores para cada dia, como coordenador, relator e animador.
- Usar técnicas ou didáticas que facilitem aos participantes a identificação dos problemas e elaboração das conclusões sobre os assuntos tratados.
- Enriquecer o diálogo e a identificação dos problemas, com a ajuda de ideias, sempre fazendo relações entre os problemas.
- Facilitar o entendimento dos participantes sobre as causas, consequências e efeitos dos problemas, com evidência nas razões (porquês) e buscando o motivo principal dos problemas.
- Promover a participação do grupo em todas as discussões, estimulando manifestação de opiniões e o confronto das ideias emitidas, a fim de enriquecer a reflexão coletiva e mostrar que os problemas identificados são comuns a todos.
- Estabelecer um clima de confiança, entre o grupo, permitindo que os participantes se sintam à vontade para emitir suas opiniões.
- Formular perguntas abertas para estimular a reflexão, evitando assim, perguntas individuais.
- Realizar a oficina com ajuda de uma agenda de compromissos

firmados pelos participantes e uma avaliação sobre o evento, confrontando os objetivos indiciais e os alcançados.

- Fazer os encaminhamentos das decisões tomadas pelo grupo, por meio de um plano de ações.
- Eleger responsáveis pelo acompanhamento da execução do plano de ações.

c) Vantagens

- O conhecimento da realidade pelo grupo, facilita o entendimento dos problemas, a reflexão coletiva e as tomadas de decisões.
- Proporciona a condução de todas as atividades a serem realizadas pelo grupo.
- Permite que a oficina seja realizada no próprio local de moradia do grupo.
- Estimula o desenvolvimento de lideranças e iniciativas.

d) Limitações

- Alcance de público limitado.
- Exige conhecimento da realidade.
- Exige organização antecipada e meticulosa.
- Exige tempo e dedicação de todos.
- Frequência assídua dos participantes.

MUTIRÃO

O que é

É um método complexo e grupal, pelo qual um grupo de pessoas desenvolve uma ou mais ações com objetivos e interesses comuns. É utilizado em nível da própria comunidade, beneficiando sempre a coletividade.

Para que serve

Somar esforços para solucionar um problema comum, possibilitando o benefício, também comum.

Quando utilizar

Poderá ser utilizado sob a forma de parceria ou não para realizar ações e atividades que resultem em benefício da comunidade, por meio da combinação ou em conjunto com outros métodos de extensão rural.

Tempo estimado

A sua duração é variável, de acordo com as ações a serem desenvolvidas.

Procedimentos para realização

a) Preparação

- Definir com as pessoas interessadas, antes da realização do evento, o plano de execução, considerando os objetivos, o período, as experiências, se for o caso e o resultado esperado.
- Definir, com o grupo, o horário e o local do mutirão, pernoites, se for o caso e refeições, considerando-se a disponibilidades dos participantes.
- Garantir a representatividade de gênero, geração e níveis de diferentes experiências entre os participantes.
- Definir materiais e recursos financeiros necessários, de acordo com a ação proposta.

b) Execução

- Os participantes devem ser esclarecidos sobre o objetivo da oficina e a metodologia a ser utilizada.

- Estabelecer, com o grupo, os resultados que esperam e acordar a convivência.
- Definir uma equipe de colaboradores para cada dia, como coordenador, relator e animador.
- Promover a participação do grupo, em todas as etapas do mutirão, estimulando a motivação, a fim de alcançar o benefício da coletividade.
- Estabelecer um clima de confiança entre o grupo, permitindo que os participantes se sintam à vontade para emitir suas opiniões.
- Realizar uma avaliação participativa sobre o evento, com foco no exercício da cidadania e do bem-estar da comunidade.

c) Vantagens

- Promove a integração da comunidade.
- Possibilita a solução de problemas, que, de outra forma, seria quase impossível.
- Desenvolve lideranças e iniciativas.

d) Limitações

- Exige capacidade de gestão de pessoas e serviços.
- Exige manutenção do espírito de colaboração e ajuda mútua.
- Poderá depender das condições climáticas.

EXCURSÃO

O que é

É um método grupal e complexo em que um grupo de pessoas com interesse comum visita um determinado local, onde existe uma evidência concreta sobre o tema interessado.

Para que serve

Para mostrar uma realização concreta concluída ou em andamento, no sentido de que possibilite a tomada de decisão por participantes do grupo que ainda tenham dúvidas relacionadas à validade de alguma inovação.

Quando utilizar

Sempre que houver a necessidade de complementação do processo de aprendizagem do grupo, tendo como base uma experiência vivenciada por outras pessoas, em condições semelhantes. Recomenda-se não utilizar isoladamente, mas em combinação com outros métodos complexos, a exemplo de cursos.

Tempo estimado

A duração varia de acordo com a distância do local e o tipo de experiência a ser visitada.

Procedimentos para realização

a) Preparação

- Identificar experiências exitosas que sejam coerentes com a necessidade de aprendizagem do grupo.
- Realizar uma visita prévia ao local a ser visitado, a fim de saber o andamento da experiência ou o resultado, analisando a oportunidade da excursão.
- Apresentar ao grupo interessado em realizar a excursão as experiências identificadas e as condições atuais de intercâmbio.
- Avaliar e definir, com o grupo, a importância ou necessidade de a experiência ser conhecida.

- Negociar, com o grupo a ser visitado, o objetivo, os procedimentos necessários à data, horário e duração da excursão e as providências necessárias.
- Definir, com o grupo, o tipo de transporte para o local e as despesas necessárias.
- Definir, com o grupo, o número de participantes da excursão, a fim de não prejudicar o objetivo a alcançar e permitir o controle do grupo.
- Providenciar o material e os recursos necessários.

a) Execução

- Orientar o grupo sobre os pontos mais importantes que devem ser observados sobre o tema durante a visita e assumir o compromisso de socializar as informações obtidas com as demais pessoas que não participaram da excursão.
- Estimular o grupo para que obtenha o maior número de informações possíveis sobre a experiência visitada, olhando, ouvindo e fazendo perguntas que possibilitem esclarecer as dúvidas e conhecer melhor o que o grupo anfitrião deseja mostrar ou explicar.
- Fazer registro das observações feitas durante a excursão.
- Realizar uma avaliação participativa com o grupo, sobre os objetivos esperados.

b) Vantagens

- Fortalece as relações entre os participantes.
- Ajuda a mostrar soluções locais para problemas comuns.

- Fornece soluções alternativas para a ação extensionista.
- Mostra e amplia os conhecimentos e experiências dos participantes.
- Visualiza “in loco” as inovações.
- Estimula a capacidade de tomada de decisões.

c) Limitações

- Demanda grande tempo.
- Requer recursos adicionais.
- Depende de condições climáticas.
- Alcance limitado.

DIA DE CAMPO (DC)

O que é

É um método grupal e complexo que permite a reunião de um grupo de pessoas, entre 50 a 100 participantes, em determinada propriedade rural, onde estão sendo obtidos bons resultados em certas práticas ou tecnologias, e que merecem ser conhecidos, possibilitando aos participantes a observação, discussão e análise das questões tecnológicas, econômicas, sociais e ambientais, bem como a possibilidade de implementação das práticas observadas.

Para que serve

Mostrar uma ou mais práticas ou tecnologias referentes a um só assunto, visando a motivar e despertar o interesse de pessoas, mediante a troca de experiências, a oportunidade de comparações e esclarecimento de dúvidas relacionadas aos temas observados.

Quando utilizar

Conforme a necessidade e oportunidade identificadas pelos agricultores e extensionistas, podendo ser utilizada na área econômica e social.

Tempo estimado

Condicionado ao número de participantes e de estações.

Procedimentos para realização

a) Preparação

- Identificada a necessidade, oportunidade e interesse dos agricultores, deve ser elaborado o planejamento do DC, envolvendo em todas as etapas os beneficiários da Pnater.
- Na elaboração do planejamento, o extensionista ou pesquisador deverá envolvê-los nas decisões quanto ao tema, à época de realização, aos conteúdos técnicos a serem priorizados, a definição dos palestrantes em cada estação, ao local evento e à divulgação entre o público interessado.
- Deve ser eleita uma comissão organizadora do evento, composta por agricultores e agricultoras, extensionistas, parceiros e colaboradores, que deverá elaborar um plano de ação do DC com o objetivo de organizar melhor o trabalho e definir os papéis dos seus membros.
- O plano deverá ter uma cronologia clara e objetiva as etapas a serem desenvolvidas, observando-se as ações preparatórias de execução e acertos finais, contendo as responsabilidades dos envolvidos e prazos definidos em reunião com o grupo de agricultores.

O plano deve conter, na sua matriz, a seguinte estrutura :

O que fazer	Com quem fazer	Quando fazer	Quem vai fazer	Observação
----------------	-------------------	-----------------	-------------------	------------

- Fazer a previsão do número de participantes, a fim de que sejam compatibilizadas as outras providências.
- Selecionar um local de fácil identificação e acesso, capaz de permitir a visualização das práticas aplicadas.
- Definir, com a comissão organizadora, as práticas ou tecnologias a serem apresentadas, as quais devem ser compatíveis com as condições socioeconômicas dos agricultores e ambientalmente sustentáveis.

b) Vantagens

- Desperta interesse e atenção de um maior número de pessoas, em um só dia.
- Estimula a tomada de decisão para adoção das práticas por agricultores interessados.
- Amplia e fortalece o relacionamento entre extensionistas, pesquisadores e beneficiários da Pnater, parceiros e lideranças.
- Divulga a atuação da extensão rural.
- Informa e demonstra resultados positivos “*in loco*”.
- Custo relativamente baixo, em função do alcance.

c) Limitações

- Exige tempo da equipe, na preparação.
- Exige uma localidade apropriada que possua bons resultados, objeto do método e,
- Depende de condições climáticas.

DIA ESPECIAL (DE)

O que é

É um método que permite em um dia com denominação específica, executar uma programação dedicada a um assunto de importância para a comunidade ou município, combinando-se vários métodos, a exemplo de dia da colheita do sorgo, dia da laranja, festa do bode, entre outros.

Para que serve

Promover de um produto ou atividade e informar sobre inovações ou práticas, oportunizando a uniformização, aperfeiçoamento e melhoria de práticas e conhecimentos das pessoas envolvidas, bem como o fortalecimento das relações entre as famílias rurais, lideranças, autoridades e parceiros institucionais.

Quando utilizar

Quando se deseja dar destaque especial a um tema específico e envolver um maior número de pessoas, na promoção, debate, formulação de proposições e tomadas de decisão.

Tempo estimado

De acordo com a atividade a ser promovida, a duração poderá variar entre 4 a 8 horas.

Procedimentos para realização

- Por se tratar de um método de caráter promocional, motivacional e informativo, o evento deve ser programado, considerando três etapas:

Etapa 1 – Dar foco a questão objetiva, como por exemplo: comercialização da produção da agricultura familiar.

Etapa 2 - Dar reconhecimento aos que vêm se destacando em realizações pela comunidade, no assunto que objetivou o Dia especial, como por exemplo: membros de comissões, de conselhos, liderança, agricultores, entre outros.

Etapa 3 – Promover maior integração entre os membros da comunidade por meio de uma atividade social, como por exemplo: festa, desfile, exposição de artesanato, de artes, missa, culto evangélico, atividades esportivas, entre outros.

- Estabelecer, com a comunidade, o local, a data, a duração e o objetivo do evento. Este poderá ser realizado no campo e nos centros urbanos.
- Evitar programar eventos, deste tipo, em vésperas de dias festivos, feriados ou nos dias de feiras livres.
- Constituir comissões específicas para facilitar a execução, tais como: comissão de assuntos técnicos, comissões de festa, comissão de exposições, comissão de acolhida, entre outros.
- Com a comunidade rural, definir os resultados desejados com a realização do evento.
- Com a comunidade, estabelecer o programa a ser executado e os respectivos responsáveis.
- Conjuntamente com a comunidade, distribuir as responsabilidades definidas na elaboração da programação a ser executada.
- Em conjunto com a comunidade, escolher e selecionar os locais onde serão realizadas as atividades programadas.

- Definir, com a comunidade, o número e os participantes do evento.
- Conjuntamente, definir os materiais de divulgação, de informação, alimentação e outros, bem como os recursos financeiros necessários para a promoção do evento e os respectivos parceiros possíveis de financiar algum item.
- Com a participação da comunidade, elaborar o plano de divulgação do evento e os meios de comunicação que serão utilizados.
- Na realização de um DE, poderão ser incluídos vários eventos, tais como: exposição de trabalho, feira de artesanato, palestras, mesa redonda, demonstração de prática, desfile ou exposição de máquinas e equipamentos agrícolas e industriais, visita a entidades, instituto, estabelecimento de ensino, centros de pesquisa, visita a propriedades bem sucedidas e atividades sociais e recreativas.

a) Vantagens

- Desenvolve um ambiente festivo e descontraído, facilitando as tomadas de decisão para adoção.
- Permite alcançar um número maior de pessoas, principalmente pela combinação com outros métodos.
- Possibilita a demonstração de várias práticas.
- Estimula, divulga e promove atividades com representação econômica expressiva na área.
- Promove relações entre o espaço rural e urbano.
- Oportuniza a divulgação e promoção do artesanato rural, de atividades culturais e a gastronomia rural.

b) Limitações

- Exige tempo da equipe de extensionistas na preparação e execução do método.
- Exige grande esforço da comissão de coordenação.

UNIDADE DEMONSTRATIVA (UD)

O que é

É um método complexo e grupal que tem como característica demonstrar, acompanhar, avaliar ou adotar uma ou várias atividades agropecuárias ou sociais de comprovada eficiência, eficácia e rentabilidade, sem necessidade de comparação.

Para que serve

Serve para se criar na comunidade um exemplo vivo de técnicas ou produtos, cuja necessidade de introdução é desejada pelos agricultores e agricultoras. Estas práticas ou produtos são empregados por um ou mais colaborador ou colaboradora, de consenso da comunidade, com a ativa participação dos vizinhos interessados, sob o assessoramento do extensionista, para a construção ou reconstrução do conhecimento da comunidade, por meio de demonstração, acompanhamento, avaliação e adoção.

Quando utilizar

Poderá ser utilizado com finalidades específicas, tais como:

- Introdução de técnicas ou produtos que aumentem o rendimento de culturas e criações com maior lucratividade.
- Introdução de técnicas que possibilitem a conservação e preservação ambiental.

- Introdução de novas variedades, cultivares ou raças.
- Introdução de agroindústrias.

Tempo estimado

A duração do método dependerá da tecnologia a ser mostrada ou da natureza do produto.

Procedimentos para realização

- A decisão de implantar uma UD é tomada em conjunto com a comunidade, agricultores ou família rural, mediante a necessidade do tema constatado no processo de desenvolvimento local.
- Em conjunto, deve ser elaborado o plano da UD, observando-se quais métodos simples poderão ser utilizados durante a duração da mesma, como partes integrantes.
- É muito importante a participação dos agricultores e agricultoras que conduzirão a UD, em todas as etapas de planejamento, com a finalidade de possibilitar o comprometimento e a cumplicidade dos mesmos.
- A escolha da localização da UD deve considerar a facilidade de acesso e permitir a visibilidade.
- O tamanho da unidade demonstrativa deve permitir a eficiência em termos econômicos para cada local e será função da técnica ou do produto a introduzir e do tipo da atividade em foc.;
- Deve ser elaborado um orçamento das despesas que serão realizadas na instalação da UD, considerando-se a necessidade de recursos financeiros para os itens material de consumo, serviços de terceiros (se for o caso), diárias, combustível, etc.
- Na instalação da UD, considerar a viabilidade de uso de recursos

próprios do colaborador ou colaboradora, de financiamento ou da participação de empresas comerciais, cooperativas, associações, entre outros, no fornecimento de materiais e equipamentos necessários.

- A seleção do beneficiário da Pnater deve ter a participação da comunidade, considerando os seguintes aspectos: ser representativo da comunidade; ter respeito e confiança da comunidade; ser sociável, gostar de receber visitas; não ter sido selecionado frequentemente como colaborador de outras atividades; ser receptivo às orientações do extensionista ou pesquisador; ter conscientização dos objetivos e responsabilidades; e que receba assistência sistemática do serviço de extensão rural.
- O pessoal selecionado deve ter a oportunidade de discutir sobre o tema da UD com o responsável pela implantação da mesma, a fim de estar apto para transmitir aos visitantes os objetivos propostos.
- O Planejamento da UD deverá contemplar os seguintes pontos: objetivo, tamanho, cronograma de atividade, plano de acompanhamento de resultados econômicos e plano de divulgação.
- A instalação da UD deve ser feita com a participação da comunidade e dos participantes interessados.
- As visitas de pessoas à UD devem ser registradas em uma folha de anotações, constando o nome da pessoa e endereço.
- O colaborador deverá estar ambientado com todas as atividades e realizar todas as anotações, em todas as fases de desenvolvimento da cultura ou criação, a fim de possibilitar o

resultado econômico, financeiro e social, por ocasião da conclusão da UD.

- Por ocasião da conclusão da UD, deverá ser elaborado um relatório final.

a) Vantagens

- Permite o estabelecimento de um sistema de utilização de vários outros métodos ao longo da sua duração, influenciando sobre a eficácia da ação extensionista.
- Permite, através de intercâmbios e excursões, o relacionamento entre produtores e produtoras e o fortalecimento de movimentos associativistas.

b) Limitações

- Exige esforço da equipe, no preparo do/a demonstrador/a.
- Pode produzir resistência e descrédito na extensão rural.

EXPOSIÇÃO

O que é

É um método eficiente que possibilita a utilização de meios de comunicação, permitindo que a repetição da ideia e a visualização da mensagem, dois fatores importantes, sejam aproveitados na memorização da construção do conhecimento.

Para que serve

Permite apresentar ao público mostras de produtos, materiais, artesanatos, culinária, artes, entre outros, levando informações de natureza técnica, educativa e cultural, como motivação para tomada de decisões pelas pessoas interessadas, em determinados temas expostos.

Quando utilizar

É utilizado quando se deseja apresentar e divulgar trabalhos realizados pela extensão rural, em conjunto com a comunidade; para despertar atenção e interesse do público para seus problemas e soluções; explicar o desenvolvimento de um programa ou uma atividade; mostrar para a população urbana os vários aspectos exitosos do espaço rural; introduzir novas ideias e expressar sentimentos e saberes.

Tempo estimado

O tempo de duração é função do que se deseja expor e do objetivo desejado, ou de acordo com outros métodos de extensão rural, ou eventos outros que permitam a realização da exposição.

Procedimentos para realização

A tomada de decisão para realização de uma exposição deve ser decidida, em conjunto com a comunidade, devendo, para tanto, elaborar um plano da exposição.

O local da exposição deve ser selecionado com a participação dos agricultores e agricultoras que desejam expor produtos, tendo o devido cuidado de observar a questão de espaço físico, estacionamento, acessibilidade e visibilidade.

Para o bom êxito do evento, é importante que sejam constituídas comissões, tais como: comissão de coordenação, comissão por produto (artesanato, gastronomia, artes, etc), comissão de divulgação, comissão de recreação, comissão de apoio, entre outras.

O Plano da excursão deve considerar o objetivo, local, período, necessidade de material de consumo, equipamentos e material de

divulgação, necessidade de recursos financeiros, cronograma de divulgação, necessidade de estacionamento, local de entretenimento, palestras, rodadas de negócios, entre outros.

Os agricultores e agricultoras que forem expor trabalhos devem ser capacitados para produzir produtos de qualidade, para o domínio das informações sobre o trabalho e sobre a importância do bom atendimento.

No final da exposição deve ser realizada uma avaliação participativa com os expositores para aferição dos resultados alcançados.

a) Vantagens

- Facilita a divulgação de novas práticas.
- Desenvolve o espírito de cooperação.
- Estimula a comunicação.
- Desenvolve a capacidade de solução e crítica e apura o sentido de julgar.
- Atinge um grande número de pessoas, aumentando o conhecimento.

b) Limitações

- É um método bastante complexo e exige a dedicação e empenho da equipe e dos expositores.
- Requer um local especial.
- Nem sempre o que se mostra está ao alcance de todos, ou corresponde à realidade local.

SEMANA ESPECIAL (SE)

O que é

É um método em que se desenvolve uma série de atividades,

abrangendo grupos de pessoas com diversos interesses e de várias localidades, com programação específica, durante vários dias ou uma semana, com abordagem participativa sobre questões sociais, econômicas, ambientais, políticas e culturais.

Vale ressaltar que, muitas vezes, as semanas especiais são transformadas em eventos periódicos, constantes do calendário de eventos do município.

Para que serve

A semana especial serve para alcançar os seguintes objetivos:

- Dinamizar atividades prioritárias de um programa de trabalho.
- Envolver a comunidade para solucionar problemas comuns.
- Informar e motivar sobre atividades ou práticas.
- Comemorar datas de caráter social ou cívico.

Quando utilizar

O método deverá ser utilizado quando se deseja dar enfoque especial a um tema específico e envolver um maior número de pessoas nos debates e na construção de tomadas de decisão e elaboração de propostas.

Exige a necessidade da combinação de vários outros métodos e técnicas, perfeitamente complementares e independentes, formando uma sequência lógica, como por exemplo: reunião, exposição, excursão, cursos, entre outros.

Recomenda-se que, para utilizar demonstração prática, devem ser utilizados, de preferência, materiais existentes no próprio local.

Tempo estimado

De acordo com o objetivo que se deseja alcançar, o método poderá se desenvolver num período de vários dias da semana ou durante a semana toda.

Procedimentos para realização

Este é um método complexo que, para ser utilizado, necessita de uma preparação, desenvolvimento e avaliação.

a) Preparação

- Decidir com os participante, sobre o tema, a época de realização, os conteúdos a serem priorizados, o local, a duração e a divulgação do evento junto ao público.
- Eleger uma comissão organizadora das atividades, composta de agricultoras e agricultores familiares, extensionistas e colaboradores, a qual deverá elaborar um plano de ação visando a dar melhor organização ao trabalho e definir os papéis de seus membros, conforme modelo proposto no método Dia especial.
- Providenciar todo o material necessário para utilização durante o evento.

b) Desenvolvimento

- Assegurar, na realização do evento, a participação diversificada de público – agricultores, agricultoras, jovens, idosos, crianças, professores, lideranças políticas, agentes financeiros, técnicos de outras instituições e demais atores sociais, dependendo do tema.

c) Avaliação

- Avaliar, com os participantes, os impactos produzidos pelo evento e as propostas apresentadas, dando-lhes o encaminhamento devido.

Material necessário

- Quadro, giz, pincel atômico, vídeo, computador, datashow, material informativo, material de uso em alimentação, água, alimentos, entre outros.

a) Vantagens

- Grande alcance de público.
- Divulgação e estímulo no meio rural.
- Promove relacionamento entre autoridades, lideranças, família rural e técnicos.
- Proporciona melhor aproveitamento de materiais didáticos.

b) Limitações

- Exige bom relacionamento com autoridades e instituições existentes na área de atuação.
- Exige a dedicação da equipe e de material.

SEMINÁRIO

O que é

É um método planejado de aprendizagem e de reaprendizagem ativas, em que um grupo de pessoas se reúne em sessões plenárias para estudar um tema de interesse comum, em busca de soluções ou de alternativas de soluções de problemas, sob a direção de um coordenador.

Para possibilitar o aprofundamento das discussões em torno do

problema e alcançar maior objetividade nas conclusões, o tema poderá ser dividido em partes ou subtemas. Porém, esta divisão deverá ser feita em função dos objetivos de trabalho da organização promotora e dos problemas existentes sobre o tema principal. Estes problemas devem ser esclarecidos e solucionados durante o desenvolvimento da atividade, dando-lhes os devidos encaminhamentos.

Normalmente, os participantes do seminário são assim entendidos:

- **Membros convidados:** são pessoas especializadas ou que tenham vivência maior em aspectos parciais do tema. Eles se encarregam de elaborar trabalhos escritos sobre os subtemas, nos quais tenham maior experiência e indicam fontes de informações sobre eles.
- **Membros efetivos:** são pessoas com interesse geral sobre o tema do seminário, que participarão de grupos de discussões e elaboração das conclusões.

Para que serve

Para estudo e busca de soluções ou alternativas de soluções de problemas que afetam a comunidade.

Quando utilizar

Recorre-se ao uso deste método sempre que houver a necessidade de envolver pessoas com interesses comuns de resolver problemas, explorar seus diferentes aspectos e apresentar informações. Tudo isto deverá ser esclarecido e solucionado durante o desenvolvimento da atividade.

Tempo estimado

O método é utilizado num período de tempo que seja suficiente para esgotar as discussões e alcançar os objetivos desejados. Geralmente, varia de um a três dias.

Procedimentos para realização

Trata-se de um método que exige muito planejamento e organização. Administrativamente, a organização de um seminário pode assumir várias formas. Em qualquer delas é essencial que a comissão organizadora tenha capacidade de decisão autônoma, para que as diversas tarefas a serem executadas sejam distribuídas claramente e realmente executadas.

O planejamento e a execução do seminário compreendem uma série de atividades, destacando-se:

- Elaboração de uma agenda prévia e de um cronograma de execução.
- Fixação dos objetivos a alcançar.
- Convites e participantes para elaboração de documentos básicos.
- Discussão com convidados sobre o teor e o conteúdo dos documentos básicos.
- Divulgação das atividades do seminário.
- Obtenção de recursos humanos, materiais, financeiros e físicos.
- Organização de material técnico e bibliográfico de apoio aos grupos de trabalho.
- Impressão de documentos prévios e posteriores ao evento.
- Encaminhamento das conclusões às pessoas e entidades de direito.
- Avaliação e prestação de contas e,
- Relatórios, entre outras.

Os trabalhos são divulgados pelo presidente da comissão organizadora que, após fazer a saudação aos presentes, apresenta a programação do seminário e explica aos participantes a forma como será desenvolvido.

Após a abertura passa-se às sessões plenárias. Nestas, os participantes convidados apresentam seus trabalhos sobre os aspectos parciais do tema que está sendo discutido aos diversos grupos de participantes interessados nos subtemas.

Os convidados fazem a exposição do tema e esclarecem as dúvidas dos membros efetivos e dos participantes. Normalmente, estas perguntas são feitas por escrito ao coordenador dos trabalhos.

Após as apresentações, passa-se às sessões de debates. Aqui, os membros efetivos discutem os trabalhos elaborados e apresentados pelos membros convidados, em função de suas experiências e de outras informações disponíveis, elaborando as conclusões sobre os subtemas. Estes trabalhos são entregues, por escrito, para todos os participantes do grupo.

Para facilitar os trabalhos e, principalmente, em função do número de participantes é interessante formarem-se grupos de dez a quinze pessoas, por experiências e vivências nos subtemas. Na sessão de debate, as conclusões a serem levadas à plenária geral deverão embasar-se nos seguintes itens:

- Análise do problema discutido.
- Soluções encontradas.
- Problemas sem soluções viáveis. e,
- Formas de operacionalizar as soluções e pessoas ou entidades responsáveis por elas.

Com o encerramento das sessões de debates, pode-se passar à plenária geral.

Nesta plenária, são apresentadas todas as discussões dos diversos grupos dos subtemas, sem que haja discussões. Após a apresentação o coordenador e a comissão organizadora encerram os trabalhos, agradecendo a participação de todos.

a) Vantagens

- Estimula a participação ativa dos participantes e,
- Apresenta materiais e informações novas.

b) Limitações

- Depende muito do interesse dos membros efetivos.

CONCURSO

O que é

É um método realizado através de uma competição construtiva e educativa, que demonstra aos participantes interessados que existem muitas maneiras para avaliar os resultados dos seus esforços.

Para que serve

Medir comparativamente os resultados da ação da família rural em suas produções econômicas e sociais.

Quando utilizar

Quando se deseja despertar o interesse das famílias rurais sobre a valorização das suas atividades econômicas e sociais desenvolvidas.

Tempo estimado

O período de tempo em que será realizado o concurso, varia de acordo com as atividades e os objetivos que se pretendem alcançar.

Procedimentos para a realização

Trata-se de um método eficiente e eficaz, que exige um bom planejamento e condições para a sua realização:

- Organizar o concurso de forma que haja participação voluntária de todos os interessados.
- Formar uma comissão do evento.
- Elaborar um regulamento com as regras que regerão o concurso.
- Fazer ampla divulgação.
- Escolher a melhor época para a realização.
- Evitar qualquer atitude ou ação de parcialidade e,
- Prever uma forma de premiação para os melhores colocados.
- Na apuração dos resultados deve-se ter os seguintes cuidados:
- Criar uma comissão de apuração de resultados, composta, na maioria, por produtores.
- Podem-se convidar pessoas que conheçam da temática, para participar da comissão.
- Avisar a todos os concorrentes, dia e hora em que receberá a visita da comissão e,
- Sendo possível, levar a imprensa nesta ocasião.

a) Vantagens

- Possibilita uma aferição dos níveis alcançados em relação a outras regiões.
- Atinge grande número de pessoas.
- Tem efeito estimulante e multiplicador.
- Mostra e motiva, na prática, os resultados de inovações e de técnicas e,
- Possibilita destacar pessoas da comunidade com resultados melhores.

b) Limitações

- Pode gerar competição pessoal.
- Pode gerar dúvidas quanto aos resultado e,
- Requer bastante envolvimento e responsabilidade da equipe local.

CAMPANHA

O que é

É um método complexo que consiste no emprego ordenado de várias técnicas de comunicação e atividades educativas realizadas em relação a um tema definido, durante um período de tempo.

Para que serve

O uso do método serve para concentrar esforços para conscientizar, mobilizar e envolver uma comunidade no conhecimento e solução de problemas e promover mudanças no modo de pensar, sentir e agir das pessoas, adotando-se novas ideias.

Quando utilizar

O método deve ser utilizado por etapas relacionadas entre si, conforme a combinação dos demais métodos e meios de comunicação, quando houver a necessidade de mudanças comportamentais da comunidade.

A oportunidade e a conveniência de utilizar a campanha estão relacionadas a situações, tais como:

- Tema a ser abordado.
- Amplitude e alcance (comunitário ou municipal).

O princípio básico da campanha, diz “a frequência com que uma pessoa recebe uma nova ideia, influi decisivamente na adoção dessa ideia.”

Tempo estimado

O encerramento de uma campanha deve ser programado, estimulado e conhecido, dando à ação o devido valor, culminando com uma avaliação e divulgação da mesma.

a)Vantagens

- Atinge um grande número de pessoas.
- Promove a participação efetiva de toda a comunidade no processo de divulgação e adoção.
- Acelera a adoção de práticas e,
- Desperta, bastante, a atenção em torno de um determinado tema.

b)Limitações

- Exige o envolvimento e o comprometimento de diversos órgãos.
- Só pode abranger uma única ideia e,
- Exige muita coordenação e tempo do/a responsável.

INTERCÂMBIO

O que é

É um método grupal e complexo em que um grupo de pessoas, com interesse comum e condições semelhantes, visita um determinado local, onde existe uma experiência concreta sobre o tema interessado. Assemelha-se ao método excursão, porém, tem como característica o diálogo entre pessoas de grupos e classes sociais iguais.

Para que serve

Para troca de experiências e de saberes sobre uma realização concreta concluída ou em andamento, no sentido de que possibilite aos participantes do grupo visitante a ampliação do conhecimento e da experiência existentes, a fim de que possam aperfeiçoar o processo de produção da atividade em foco.

Quando utilizar

Sempre que houver a necessidade de atualização e aprimoramento do processo de aprendizagem do grupo, tendo como base uma experiência vivenciada por outras pessoas, em condições de igualdade e semelhança. Recomenda-se não utilizar isoladamente, mas, em combinação com outros métodos, a exemplo de demonstração prática, entrevista semi-estruturada, visita, palestras, entre outros.

Tempo estimado

A duração varia de acordo com a distância do local e o tipo de experiência a ser visitada.

Procedimentos para realização

a) Preparação

- Identificar experiências exitosas que sejam coerentes com a necessidade de aprimoramento do grupo.
- Realizar uma visita ao local a ser visitado, a fim de saber o andamento da experiência ou o resultado, analisando a oportunidade do intercâmbio.
- Apresentar ao grupo interessado em realizar o intercâmbio as experiências identificadas e as condições atuais para a visita.

- Avaliar e definir, com o grupo, a importância ou necessidade da experiência a ser conhecida.
- Negociar, com o grupo a ser visitado, o objetivo, os procedimentos necessários à data, horário e duração do intercâmbio e as providências necessárias.
- Definir, com o grupo, o tipo de transporte para o local e as despesas necessárias.
- Definir, com o grupo, o número de participantes do intercâmbio, a fim de não prejudicar o objetivo a alcançar e permitir o controle do grupo.
- Providenciar o material e os recursos necessários.

b) Execução

- Orientar o grupo sobre os pontos mais importantes que devem ser observados e discutidos, sobre o tema comum interessado, durante a visita e assumir o compromisso de socializar as informações obtidas com as demais pessoas que não participaram do intercâmbio.
- Estimular o grupo para que obtenham e repassem o maior número de informações possíveis sobre a experiência vivenciada, olhando, ouvindo e fazendo perguntas que possibilitem esclarecer as dúvidas e conhecer melhor o que o grupo anfitrião deseja mostrar ou explicar.
- Animar o processo de troca de experiências, assessorando o grupo com os esclarecimentos que se fizerem necessário.
- Fazer registro das observações feitas durante o intercâmbio.

- Realizar uma avaliação participativa com o grupo sobre os objetivos esperados.

c) Vantagens

- Fortalece as relações entre os participantes.
- Ajuda a mostrar mutuamente soluções locais para problemas comuns.
- Fornece soluções alternativas para a ação extensionista.
- Mostra e amplia os conhecimentos e experiências dos participantes.
- Visualiza “*in loco*” as inovações.
- Estimula a capacidade de tomada de decisões.
- Estimula a confiança sobre as informações trocadas, por se tratar de conversa entre pares.
- Possibilita a retribuição do intercâmbio ao grupo visitado.
- Possibilita que os participantes tomem a decisão de aderir ou não aos conhecimentos obtidos.

d) Limitações

- Demanda grande tempo.
- Requer recursos financeiros adicionais.
- Depende de condições climáticas.
- Alcance limitado.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Fundamentos teóricos, orientações e procedimentos metodológicos para a construção de uma pedagogia de Ater.** Brasília: MDA/SAF, 2010. 45p.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Política nacional de assistência técnica e extensão rural – Pnater.** Brasília: MDA/SAF, 2008. 26p.
- COTRIM, D.; RAMOS, L. **Revisão e adaptação do guia prático de diagnóstico participativo.** Brasília: MDA/SAF, 2006. 62p.
- FRANÇA, A. P. de. **Metodologia de extensão rural:** caracterização e uso adequado. Recife: EMATER-PE/DECOM, 1993. 14p. (EMATER-PE. Série Comunicação e Metodologia de Extensão Rural, 1).
- FREIRE, P. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. v.1. (Coleção Educação e Comunicação).
- FREIRE, P. **Guia de metodologia de extensão rural.** Rio de Janeiro: EMATER-RJ, 1996. 34p.
- FREIRE, P. **Manual de metodologia de extensão rural.** Rio de Janeiro: EMATER-RJ, 1991. 174p.
- RUAS, E. D. et al. **Metodologia participativa de extensão rural para ao desenvolvimento sustentável.** Belo Horizonte: MFXPAR, 2006. 134p.
- SILVA FILHO, M. M da S. **A educação em extensão rural:** algumas questões essenciais. Natal: EMATER-RN, 2010. 116p.
- VERDEJO, M. E. **Diagnóstico rural participativo:** guia prático. Brasília: MDA-Secretaria de Agricultura Familiar, 2006. 61p.
- XIMENES, S. **Minidicionário da língua portuguesa.** 2. ed. rev e atual. São Paulo: Ediouro, 2000. 787p.









Secretaria de
Agricultura e
Reforma Agrária



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO